

COMUNIDADES PARTICIPANTES DA OFICINA:

Caité

Boa Esperança

Bararuá

São Pedro Capecu do Tiparana

Bom Jardim

Baixa Verde

Jacapari Santo Antônio

Jacapari Perpetuo Socorro

Prosperidade

Santa Maria

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
NCSA – CESTU/UEA, PPGAS – UFAM

Equipe de Pesquisa

Willas Dias da Costa NCSA – UEA
Antônio João Castrillon Fernandez PNCSA
Rosenira Izabel de Oliveira PPGEP – UFAM

Fotografias

Willas Dias da Costa NCSA – UEA
Antônio João Castrillon Fernandez PNCSA

Edição

Willas Dias da Costa NCSA – UEA
Rosenira Izabel de Oliveira PPGEP – UFAM

Cartografia e elaboração da base

Luis Augusto Pereira Lima NCSA – UEA

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8



Participantes

Comunidade Prosperidade: Salim Martins de Oliveira, Darley Chota, Jéssica Pinto, Maria Josiene.

Comunidade Caité: Delmar Ferreira, Anastácio Nunes, Raimundo Costa, Davi Deveza, Sidinei Ribeiro, Francisco Neto, Nazaré, Lúcia e Rozol.

Comunidade Boa Esperança: Emerson da Silva, Sabastião Carvalho.

Comunidade Bararuá: Raimundo Coelho; Comunidade São Pedro do Copeçu: Manoel Fernandes Protásio.

Comunidade Bom Jardim: Fabiano Braga.

Comunidade Baixa Verde: Pedro Rios, Evaldo dos Santos Anjos, Raimundo Alves Rocha.

Comunidade Jacapari Perpétua: Raimunda Perpétua Silva, Gercino dos Santos.

Comunidade Jacapari Santo Antônio: Miguel Jaita Ramos, Raimundo Arcanjos Ramos.

Paróquia São Pedro Apóstolo: Prótasio Oliveira Garcia, Irmã Jaci Silveira de Souza.

Equipe Intinerante: Graça Penha.

Local da Oficina: Comunidade Caité.

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia: “Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida Setor 01 Caité” Tonantins - Amazonas / Coordenador, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; autores, Willas Dias da Costa, Rosenira Izabel de Oliveira, Antônio João Castrillon Fernandez. – Manaus : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008.

12 p. : il. ; 25 cm. (Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos ; 23).

ISBN 978-85-7401-413-5

1. Comunidade de Ribeirinhos – Tonantins (AM) 2. Comunidade Indígena – Tonantins (AM) I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Costa, Willas Dias da. III. Oliveira, Rosenira Izabel de. IV. Fernandez, Antônio João Castrillon V. Série.

CDU 301.185.2(811.3=98)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529

História das comunidades ribeirinhas

“Eu moro na comunidade de Prosperidade. Venho atuando na comunidade há 15 anos. Ela foi fundada em 1986, pelos falecidos Diogo e José Arcanjo. E José procurou nome pra colocar na comunidade, então ele colocou o nome de Prosperidade. Então foram quatro famílias que fundaram a comunidade; então foi surgindo pessoas; nossa parentagem toda veio morar aqui, aí formou a comunidade. Tem como 25 famílias e 110 pessoas entre criança e adulto.”
Salim Martins, ribeirinho Comunidade Prosperidade

“Eu moro na comunidade de Jacapari Santo Antônio. Participo desse trabalho comunitário e nós éramos 34 famílias. Então foi saindo e agora tem 10 famílias que moram na comunidade e na base de 70 pessoas entre crianças e adultos. Então nós trabalhamos assim, fazemos um trabalho na comunidade.”
Raimundo Arcanjo Ramos, ribeirinho, Comunidade Jacapari Santo Antônio

“A comunidade Caité era lá em cima, então com a mudança do tempo a terra foi caindo e os moradores, como não queriam abandonar sua terra natal, veio buscar e construir uma nova comunidade. Então surgiu a comunidade de Caité novamente. A natureza destruiu a primeira comunidade, mas os homens não deixaram sua terra, buscaram de novo um lugar, criaram já a terceira comunidade. Quando vai caindo, as terras vão caindo, vão sendo devastados pelo tempo, pela natureza, os moradores vão achando um outro meio de viver.”
Delmar Ferreira, ribeirinha, Caité



Manoel Fernandes, Cocama, oficina de mapas.



Centro Comunitário de Caité



Oficinas de Mapas das comunidades 05/06/2008

"A comunidade é propriedade da gente, não sai de lá porque amo aquele lugar. Foi a única herança que meu primeiro marido deixou pra mim com meus filhos. Por isso que não vendi e nem posso desperdiçar ela. Porque é uma herança. Minha casinha fica lá pra trás. Precisa da madeira pra fazer nossa casa, nossas canoa, nosso remo, e aqui nós vivemos precisando de tudo isso que nós temos na comunidade. Foi fundada em 1954, era um lugar deserto, sem moradia de ninguém, tinha de tudo. Era onça, tudo quanto era bicho carapanã, que agente não podia abrir a boca, juro como existe Deus. A gente comia dentro do mosquiteiro pra nós poder passar. Depois que o povo viu o lugar ampliado, foi preciso dar parte na delegacia. O delegado disse, olha melhor que vocês fazem é abrir os olhos, já fomos tirando documento, aí já foi o documento. Isso foi em 1972, em São Paulo de Olivença. Em São Paulo depois fui ao INCRA; nós vamos pagar todos os anos. Em 1978 foi fundada a comunidade. Nós fiquemos satisfeitos e vivemos alegres e queremos a viver com todos os amigos, com todo mundo e que vive em paz. E nós todos precisamos, porque tem muita gente senhores que não sabe fazer amigos."

Raimunda Perpétua, ribeirinha, Jacapari Perpétua

"A comunidade de Boa Esperança tem as casas dos moradores. Ela é formada pela escola, a capela, a casa do motor de luz, o campo de futebol atrás da escola e os lagos: Lago Cigano, Lago do Mora, Lago Comprido, Lago Açaí." **Sebastião Carvalho, ribeirinho, Boa Esperança**

"A comunidade Natal do Bom Jardim é hoje assim. Os antepassados que tiveram nela não souberam colocar ela num nível, num alicerce. Ela caiu numa decadência. Ela tava com 32 famílias e veio pra 14 famílias. Hoje nós já temos 15 famílias e já começou a melhorar. Bem nesse sentido é nascida em 75, 1975 foi fundada pelo pessoal do MEB de Tefé.

Pra eles fundarem essa comunidade eles passaram meses trabalhando, tiveram seis reuniões pra poderem fundar essa comunidade. O primeiro cartório a registrar a comunidade foi em São Paulo de Olivença, que aqui em Santo Antônio não tinha cartório nessa época, não tinha comarca, era só São Paulo, Fonte Boa, Tefé. Então a comunidade foi registrada como comunidade de Bom jardim. Todo esse tempo ela veio de mão em mão, mão em mão, de presidente em presidente até que chegou minha vez de chegar lá, eu sou filho daqui, nasci aqui nesse município, vivi em Manaus 30 anos e voltei pra trabalhar de novo aqui." **Fabiano Braga, ribeirinho Bom jardim**

História das comunidades indígenas

"Sou da área indígena a minha etnia é Ticuna. Os meus avôs tudo são ticuna, nascido e criado na nossa área, onde hoje nós convivemos. Nascido em 1958 e até hoje eu tô convivendo na nossa área. A nossa área é homologada. Nossa área tem três etnias indígenas. Então até hoje nós convivemos lá morando, zelando da terra que pertence a nós que temos.

O povo indígena nunca procurou conflito com a nossa vizinhança aqui de perto, como o Caité, Boa Esperança, Prosperidade, Bararuá, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Agora tem outras comunidades dos brancos que sempre vivem prejudicando os indígenas. As comunidades indígenas habitam há muito tempo nunca procuraram prejudicar as comunidades dos brancos, nem nós, porque nós somos um povo indígena. Eu não tenho muito conhecimento, o meu estudo foi pouco, apenas eu assinar o meu nome, mas se é que existe essa lei da repartição dos povos civilizados, desse povo branco com nós, então vamos respeitar as leis. Eu tô representando a minha área Ticuna, que é área da União, onde nós da tribo Ticuna, represento as duas comunidades indígena que ficam dentro da área São Pedro lá tem duas comunidades da etnia Ticuna, Eroa e Marimari. A área São Pedro é uma terra limitada com todo marco legal e placa. Igarapé do Mocó é a limitação da nossa área abaixo de Marimari, que é o igarapé conhecido por igarapé do Arara, é a limitação da nossa área indígena, ela toda homologada."

Manoel Fernandes, Ticuna, São Pedro

“Na época quando eu cheguei esse pessoal tá na boca, seu São Francisco a comunidade dos Anjos, o Pedrinho, o Orlando, que já mora lá nessa comunidade, tudo fazia parte da nossa comunidade. Não tinha comunidade em 98, tinha apenas duas casinhas aqui na Baixa Verde. Em 99 começaram a fazer a comunidade. Moro na comunidade Nova Baixa Verde, tô com três anos na comunidade, o povo indígena Cocama a área é demarcada. Só pescamos e plantamos e vendemos. Vendemos aqui mesmo ou levamos pra Tonantins. Nova Baixa Verde, primeiramente a comunidade foi fundada em 22 de dezembro de 2001. Ela foi fundada com cinco famílias, depois foi criando, formando mais, vindo mais gente pra morar na comunidade. Nós temos a comunidade com 11 casas e mais um colégio. A comunidade tá meio precária, por que tem agente de saúde, mas não temos um posto pra receber as famílias que estão necessitadas aqui na comunidade, nós temos aqui varias casas dos moradores, nós temos o nosso campo de futebol.” **Pedro Rios, Cocama, Nova Baixa Verde**



Raimundo Alves, Cocama, professor na confecção dos croquis

Por que a Cartografia?

“A cartografia é importante porque nós estamos querendo os documentos pra demarcação da terra pra gente dá início em projetos pra gente fazer artesanato e vender pra fora. Porque tudo que agente faz hoje tem saída tem como vender. Trabalhar nessa área de artesanato não legalizado prejudica nossas vendas para fora do município. Mas com esse documento podemos acreditar que nossa vida pode melhorar.” **Pedro Alves, Cocama, Baixa Verde**

“As comunidades têm casas, orelhão. Temos aqui a torre, o nosso orelhão que é apenas de enfeite, por enquanto não sabe quando vão consertar, tem promessa de ajeitarem. Até agora a gente tá sem comunicação e a comunidade é muito prejudicada pela falta desse telefone. Não só a comunidade, mas todas as embarcações que às vezes vêm e chegam pra se comunicar, não tem comunicação. Acho que é um ponto principal da nossa comunidade que tá faltando e temos as casa todinha da comunidade, tem roça e vivemos da pesca, mas acredito que esse documento que estamos fazendo e depois que estiver escrito vai dar muita força para nossa luta.” **Raimundo Costa, ribeirinho, Caité**

Raimundo coelho, ribeirinho no curso de GPS. 06/06/08



Ribeirinhos e Indígenas no curso de GPS



“Na comunidade que fica à margem do Solimões, começando a comunidade que têm casas, as árvores na frente e o campo de futebol, o Lago do Aninga que fica atrás, tem o Lago do Cavaco, Escola Nossa Senhora Aparecida, tem jambo, manga, agai, coco, ingaçu, goiaba, e aqui atrás, atrás da comunidade têm muitas madeira, como: Andiroba, Copaliba, Macacuba, Capu. Essas madeiras de lei pertencem a nós. Então aqui, nessa área, ela é preservada. Porque o lago serrado é preservado pela natureza. Não tem quem pesque. Acreditamos que cartografia que estamos fazendo pode ajudar a preservar os lagos que são o futuro das comunidades de Tonantins.” **Salim Martins, Cocama, cacique da comunidade Prosperidade**

67°28'0"W

67°24'0"W

Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida no setor 1 - Caité - Tonantins - A

2°30'0"S

2°36'0"S

2°42'0"S

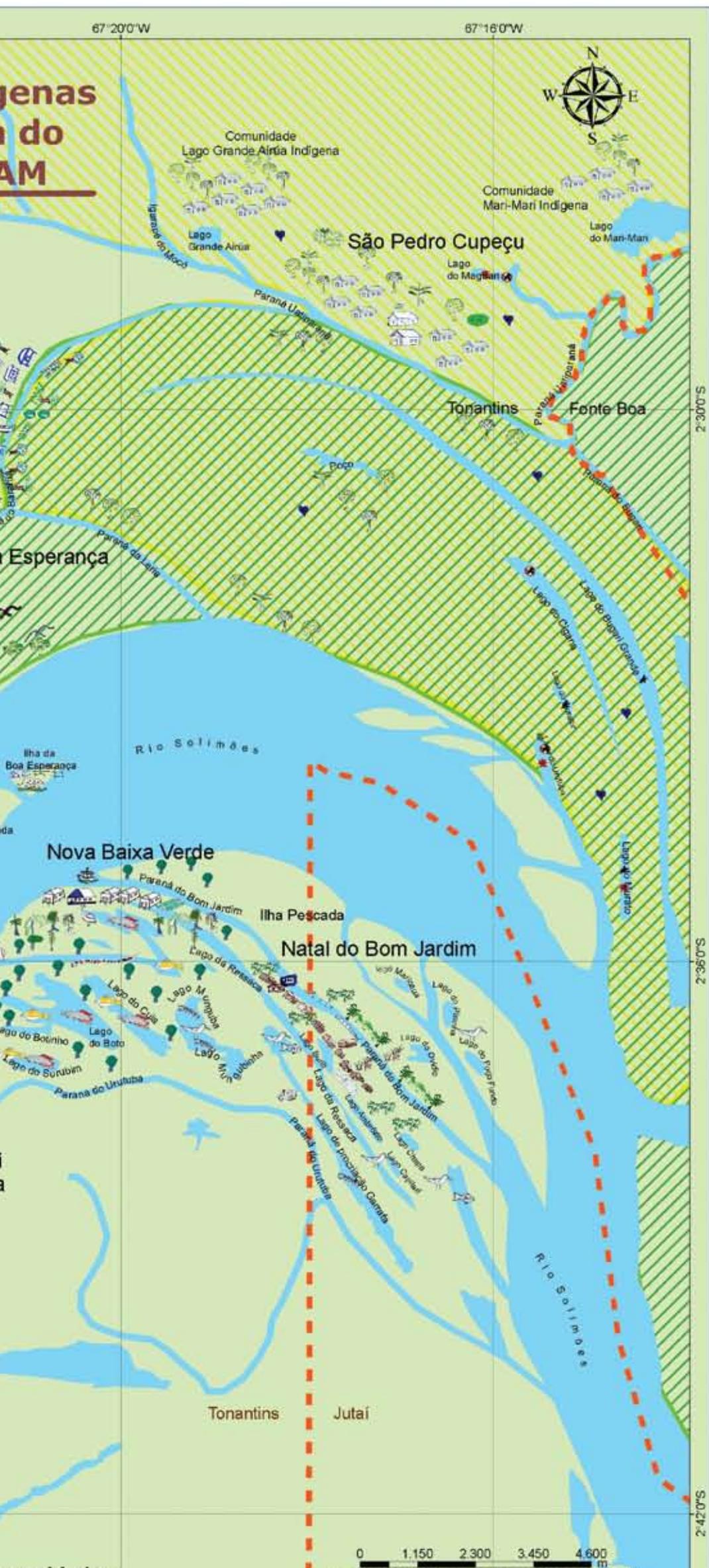


Legenda das Comunidades

Jacapari Santo Antonio Uirana Residência Casa do agente de saúde Escola Nossa Senhora de Fátima Canoas Campo esportivo Pólio Box Andiroba Açoi Bananeira Cacau Limão Laranja Mastruz Seringueira Tamarizueira	Jumbo Caba Garça Gavilão Jacaré Taitana Pirarucu Trapa Tucunaré Prosperidade Igreja Católica Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida Residência Caixa d'água Campo de futebol Açoi Coco	Inga Bacuri Cacau, Manga Tucumã São Pedro Cupeçu Escola Municipal Demingue Polo Base Rôdi Fúria Casa das moradias Campo de futebol Roça Banana, Caca, Mandioca Animais: Aca, Vead, Porco-domado, Caba, Pata, Caba, Macaco, Onça, Jatiú Pássaros: Mutum, Mangual, Cujubem, Jaci, Garça, Pato, Merquimã, Caraná Peixes de escamas: Pirarucu, Pacu, Tambora, Pirapitinga, Jeraui, Tucunaré Lago que não é preservado Lago de manutenção	Árvore de lei: tauba, Andiroba, Cedro, Cauvi, Copaliba Laranja Açoi Cacau Jacapari Perpétua Casas das famílias Roça Criação de galinha e pato Jumbo Açoi Bananeira Árvore: Macacóiba, Cedro, Assaú, Imbaúba, Açoi, Sepoti, Matrona	Macaco Onça Peixes: Tambora, Jandira, Pacu, Cará, Majnã, Tambora Peixe: Pirarucu, Tucunaré Nova Baixa Verde Casas das famílias Escola Nossa Senhora da Saúde Campo de futebol Barco Bananeira, Açoi, Jumbo, Capim, Jataúba, Abio, Jacaruba, Laranja, Macacóiba, Mandioca Floresta Fambora Pirarucu Tucuri Soco Pato	Boa Esperança Escola Municipal Igreja Católica Casa da mãe Plantação Campo de futebol Uirana de... Peixe: Pirarucu, Tucunaré, Pirapitinga, Jeraui, Tucunaré, Carapana, Jeraui Plantação: Macacóiba, Eucalipto, Coco, Vead Roça que o Gado - contém a pecuária Árvore: Manga, Goiaba, Açoi, Cacaúba, Jeraui, Macacóiba, Laranja Onça - ataca os animais
---	---	---	--	---	--

67°28'0"W

67°24'0"W



Comunidades

<ul style="list-style-type: none"> Jacaré Tucará, Iapá, Tartaruga Mutum, Papigaké, Arana, Mergulhão, Maguari, Garça 	<ul style="list-style-type: none"> Peixe Pássaro: Patim, Marygare, Garçeta, Mutum, Cujubim 	<p>Bararuá</p> <ul style="list-style-type: none"> Igreja Católica Escola Posto de Saúde Casa Comunitária Casas residenciais Casa de farinha União de Luz Campo de futebol Rabeta Carió Banheiro Rocha de macaena Rocha de mingoca Milância Árvore de lei: Assacu, Cedré, Viola, Sumajama, Itakiba 	<ul style="list-style-type: none"> Árvore frutífera: Ingazeira, Jambiro, Galabera, Gravolera Peixe: Pirarucu, Tambora, Surubim, Aruanã
<p>Caité</p> <ul style="list-style-type: none"> Casa dos moradores Centro cívico Igreja São Francisco Torre de comunicação Plântula Canoas Campo de futebol Rocha Plantas medicinais: pião roxo, juá, hortelã, boldo, macaena Árvore de lei: Caonguba, Semauma, Itakiba, Androba, Paracanaça Cutres árvores Oado - corral com peçonheta Bicho de cinto: Jabuti, Tracaja, Tartaruga, Ze Pregó, Iapá 	<p>Natal do Bom Jardim</p> <ul style="list-style-type: none"> Casa de moradia Escola Municipal Santa Isabel Igreja Católica Campo de futebol Balco de lavar roupa Rabeta - Canoa Animais selvagem: Peixe, Tambora, Pescada, Matema, Tucuzare, Surubim, Piracanga, Curmatá Pirarucu Árvore: Mutum, Cujubim, Maguari, Garça, Mburu, Garçeta Palmeira: Açú, Bacaba, Urucuri, Buri Floresta: Mulabero, Cedro, Androba, Vitex, Louro, Inambu, Plantação: Banana, Macaena, Milho, Fajão 	<p>Santa Maria</p> <ul style="list-style-type: none"> RDS Mamãua Terra indígena Uabi Parana <p>Convenções cartográficas</p> <ul style="list-style-type: none"> Hidrografia Limite municipal 	<p>Fonte: Mapa Estabelecido IBGE 2007, Imagem Satélite CERBS 28 02/08/2008, LANDSAT 5 02/08/2008, Google Br, Códigos das Comunidades e Caderno de pontos de GPS.</p> <p>Equipe de elaboração: Vilas Dias da Costa, Antônio João Castrolim Femandez</p> <p>Cartógrafo: Luis Augusto Pereira Lima</p>

Nova Cartografia Social da Amazônia 2009

pegamos algumas apostilas, e também sobre essa orientação eles dão recurso, mas depois que a terra tá demarcada. Porque antes eles não dão. Só depois que a comunidade tiver registrada no mapa.” **Pedro Alves da Cruz Rios, Cocama, Nova Baixa Verde**

“São 34 famílias e temos as roças também do pessoal. O prefeito veio trouxe o gado, fez um campo, aí cercou com a cerca, mas mal feita. Aí, o que aconteceu: os gados arrombaram a cerca, invadiram a roça do pessoal e até hoje não pagaram ainda. Prometeu pagar as roças do pessoal e o pessoal agora tão comprando farinha direto e não fazem o pagamento da farinha.” **Anastácio Nunes, ribeirinho, Caité**

“Trabalhamos fazendo roças, tanto aqui, quanto esse lado aqui. Só que aconteceu de o prefeito deixar gado lá e comeu as roça dos moradores. Sei que acabou com a plantação que tinham plantado. Ele foi por lá, nós fizemos reunião com ele, prometeu de pagar o prejuízo e esse pagamento nunca chegou. A ilha que fica em frente é a boca do Paraná, é Boa Esperança, nós batizamos agora, porque não tinha o nome e colocamos Ilha da Boa Esperança. Só que tem boi lá, onde antes plantava. Quando foi o ano, fizeram roça. Depois de plantado chegou gado lá na ilha e comeu toda a plantação. No outro ano achamos por bem comunicar as nossas autoridades e foi até lá e pedi pra eles que queríamos a ilha pra plantar, já que era em frente à comunidade. O presidente da câmara falou que a gente fizesse reuniões e pegasse assinaturas das comunidades, principalmente quem plantava na ilha. Inclusive foi Boa Esperança, Bom Jardim, eu tive por lá pegando assinatura do Bom Jardim, da Baixa Verde e levamos novamente as assinaturas lá pra câmara. Isso foi no início do verão, quando tava saindo às praias. Ele disse que com essas assinaturas tem o direito de plantar, já pode plantar e foi o que fez. E os moradores plantaram. Com 45 dias depois de ter plantado, os feijão já tava produzindo. Chegou o gado novamente e esse gado até hoje continua. Fomos foi lá novamente e disse que tentaria resolver. E até agora tem o gado na ilha e ninguém mais plantou. Precisamos dessa ilha, da praia para plantar o feijão, que é uma coisa boa, porque, como eu sempre digo, a gente tinha o feijão pra plantar, pra comer e pra vender. Hoje a gente não tem nem pra plantar, nem pra comer quanto mais pra plantar e vender.” **Sebastião Carvalho, ribeirinho, Boa Esperança**



Animais nas roças de ribeirinhos e indígenas

Conflitos: gado invade roça

“Em 2007, com a crise, contra a vinda dos gados do prefeito da zona rural, então os gados invadiram as roças, invadiram a propriedade de outras comunidades. Então, a comunidade passou por uma crise que até hoje não foi recuperada. Estamos esperando este verão para fazer novo roçado pra que daqui pra setembro nos já tenhamos a nossa roça, a banana, a cana. Então acho que isso foi um descuido nosso de ver os fatos acontecer e ninguém agir de uma forma correta. Ficamos de braço cruzado olhando aquilo, e a nos prejudicar, e ninguém fez nada. Então, hoje, com essa pela que nós pegamos, eu acho que aprendemos muita coisa. Vamos recorrer e buscaremos outro recurso pra que isso não venha acontecer mais, porque tá prejudicando os moradores e as crianças principalmente.” **Anastácio Nunes, ribeirinho, Caité**

“Precisamos primeiro da demarcação da terra, porque com os documentos podemos puxar recurso pra comunidade, porque, pelo conhecimento que a gente tem, na área indígena não pode fazer projeto. É proibido porque a área é da União. Não sei se já passaram essa informação pra vocês, porque, segundo comentários, na área indígena não pode fazer projeto, pode só preservar. Mas pode sim fazer qualquer projeto porque de órgão federal o estado ele dá condições, no caso pra trabalhar na agricultura vamos trabalhar com tantos hectares de terra. Eles abrem mão e dão aquele tanto de terra pra trabalhar. Se for pra criar peixe também eles dão recurso, dependendo da comunidade que tem vontade de fazer. Eu já tô trabalhando seis anos assim junto com o cacique. Às vezes ele pega informações que vem de Manaus e passa pra gente. Já



Crianças na oficina de mapas em Caité 05/06/2008



Croquis da oficina de mapas. 05/06/2008

Preservação de lagos

“A importância dos lagos é que a gente tira comida de lá, pra comer e pra vender também. Os nossos lagos têm importância porque é o nosso meio de sobrevivência. Sem ele a gente não sobrevive. Tem o rio, mas o peixe do rio você sabe que não fica no rio, ele vai e volta. Então, é o meio de sobrevivência da nossa comunidade, é o nosso lago. Temos as nossas crianças. Eu já nasci e me criei em Itaipé. Já minha mãe sobreviveu daqui da comunidade. Não foi preciso ir pra outra comunidade. Eu já tenho filhos, já. Tô sobrevivendo da comunidade e aqui tenho os meus netos e assim vai por diante. Esses lagos já foi o meio de sobrevivência pra varias pessoas. Hoje em Tonantins nós temos vendedores, nós temos várias pessoas daqui da comunidade que nasceram e se criaram e estão lá na sede do município, e se criaram sobrevivendo destes lagos. Eu acho que seriam uns meio muito importantes pra nossa população, esses lagos.” **Anastácio Nunes, ribeirinho, Caité**



Ribeirinhas e pescadoras limpando peixe

“O primeiro lago tem o nome de José, o segundo lago, Povarinho, fica bem pertinho da comunidade, e tem Praia Grande, que fica mais distante, e o Laguinho. José nós já preservamos uma vez. Dois anos e nós pescamos Tambaqui. Nós tiramos 2.800 quilos de Tambaqui e Pirarucu, porém nesses outros lagos a mesma coisa nós já fizemos e preservamos um ano. E ao redor tem muitos tipos de árvore. Podemos preservar pra vender e pra fazer as casa da gente. Tem vários tipos de madeira que serve pra nosso bem, que serve pra nos fazer a nossa casa e tira pra vender também.” **Ribeirinho Jacapari Santo Antônio**

“Primeiramente a gente pega um lago, pega um furo, primeiro é o Lago da Ressaca, onde existem vários tipos de alimento que dá pra manter a comunidade. Tem tracajá, tem Tambaqui e o Pirarucu. No Lago da Ressaca, Lago do Boto tem vários tipos de alimento que praticamente fornece pra comunidade. Tem o Botinho, onde ficam vários tipos de animais: cutia, o macaco, o tatu, no tempo da seca, quando o rio sobe no tempo da cheia, quando tá alagado o tatu fico só naquelas ilhazinhas. Pra cá tem o lago Surubim, fica mais difícil de as pessoas da comunidade ir para lá, então, isso é uma grande dificuldade pras pessoas, e aqui o lago Urutuba. Têm

o lago Cuia onde também existem vários tipos de alimento, de animais. A comunidade colocou pra preservar, mas não é apenas só fala preservar, mas só que não se coloca em pratica.” **Evaldo dos Santos Anjos, Cocama, Nova Baixa Verde.**

“A gente pra preservar é preciso muita paciência, porque na preservação não tem ninguém. É difícil, eu conheço as comunidade desde Coari até por aqui. Ave Maria, faz até medo a gente falar em preservação. Porque quando a gente fala em preservação, tá dando em todo mundo, e é assim o nosso trabalho.” **Raimundo Coelho, ribeirinho, Baraúna**



Raimundo Coelho, na apresentação dos croquis da comunidade Bararuá



Raimundo, Sidnei, Francisco, Anastácio, Davi, Delmar, Lúcia e Nazaré, ribeirinhos da comunidade Caité na apresentação de seus croquis



Dona Perpétua e crianças desenhando os croquis

Dificuldades na saúde e educação

“Outro assunto é sobre a saúde. As gentes sempre têm que ficar pelejando pra que possa em termo da saúde ter um agente de saúde comunitário. A comunidade já fez pedidos várias vezes e até o momento não conseguimos. Falta de medicamento é um dos problemas que a comunidade enfrenta, falta de transporte pra remoção de paciente da comunidade até a sede do município e, às vezes, a falta de um transporte mais rápido pra gente até aqui que tá morrendo, alguém que adoce. É uma das coisas que nos enfrentamos.” **Emerson da Silva, ribeirinho, Boa Esperança**

“Nós temos uma escola. É uma escola padrão que todo mundo que já passou lá, viu. E tá funcionando até a sexta série. Temos cinco professores que até a reunião passada vieram 2 professores da sexta série veio participar. Acho uma coisa importante pra nós porque muitos pais e mães não têm condição de manter seus filhos na sala de aula em Tonantins. Então veio essa sexta série, e no próximo ano vem a sétima e até a oitava se for necessário. Depende da condição da prefeitura.” **Salim Martins, Cocama, Prosperidade**

Reivindicações

- Documento comprovando a posse das ilhas para as comunidades;
- Revisão da demarcação de terras nos limites das comunidades ribeirinhas e indígenas com acompanhamento de ambas as partes;
- Incentivos à legalização das associações de artesãos;
- Indenização das famílias que sofreram com a invasão de gado aos roçados;
- Preservação dos lagos nas comunidades;
- Manutenção dos telefones públicos;
- Melhorias de atendimento da saúde e medicamentos para os agentes comunitários;
- Ampliação do atendimento do ensino fundamental e do ensino médio nas comunidades.

CONTATOS

Comunidade Caité

Presidente Anastácio Nunes Pereira

Vice-presidente Neto Ferreira da Costa

telefone 97. 3469-1133

Tonantins – Irmãs de Santa Catarina

Rua São Francisco 510 Bairro Aparecida

65685-000 Tonantins AM

irmajaci@hotmail.com

Paróquia São Pedro Apóstolo

Praça São Pedro S/N Centro

telefone 97. 3464-1263

Comunidade Caité (Setor 1) Rio Solimões margem direita

Município de Tonantins AM

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açu, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e Agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida Setor 01 Caité – Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciriaco – Realidades e desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, Maranhão

REALIZAÇÃO

Setor 1

(Comunidade Prosperidade, Comunidade Caité, Comunidade Boa Esperança, Comunidade Bararuá, Comunidade São Pedro do Copeçu, Comunidade Bom Jardim, Comunidade Baixa Verde, Comunidade Jacapari Perpétua, Comunidade Jacapari Santo Antônio)

Paróquia São Pedro Apóstolo

Equipe Itinerante

Associação Congregação Santa Catarina

APOIO

